

Eis como Aghion corrigiu o crescimento

Autor: Michel Husson

Alternative économique - 11 Julho 2017

Durante um encontro de economistas, Philippe Aghion observou que a *"aceleração da inovação não se reflete nos números da produtividade"*. Como não estava convencido pela hipótese de estagnação secular, ele atribuiu essa discrepância a um *"problema de medição"*. Ele anunciou que estava trabalhando no assunto e pediu alguns meses. A promessa foi cumprida: Philippe Aghion – e quatro outros economistas – acabam de publicar um artigo dedicado à medição do *"crescimento perdido"*.

Um problema de medição

O princípio do método é bastante simples. Considera-se que o produto interno bruto (PIB) em termos de valor tem sido medido corretamente; contudo, os índices de preços superestimam a inflação porque não levam suficientemente em consideração os efeitos da inovação na qualidade do produto. Como resultado, o volume de produção é subavaliado. No caso dos Estados Unidos, que é objeto do estudo, o crescimento "real" teria sido de 2,49% ao ano entre 1983 e 2013, em vez dos 1,93% que foram observados. O crescimento em falta é, portanto, de 0,56% ao ano.

O método, em resumo, é bastante simples: como a inflação é superestimada, o volume da produção é subestimado.

Um outro estudo (não disponível) foi dedicado à França. De acordo com [Les Echos](#) de 23 de junho de 2017, que o crescimento francês entre 2006 e 2013 *"teria sido de 0,99% ao ano se o progresso tecnológico tivesse sido devidamente levado em consideração"*, enquanto foi apenas em média 0,42% ao ano, conforme a medida oficial.

Pode-se apontar que, se o crescimento "faltou" durante esse período, foi sobretudo devido aos efeitos da crise econômica. Mas mesmo ao se admitir esse número, ainda assim o seu argumento não é convincente. De fato, o crescimento "real" calculado por Aghion *et al.* não corrige a desaceleração observada nos ganhos de produtividade: o crescimento pode ter sido mais forte, mas a tendência permanece a mesma. No entanto, é essa tendência que está na base da hipótese de estagnação secular na qual Aghion diz não acreditar.

Um projeto político

A questão não é apenas a medição correta do crescimento. Toda a abordagem de Aghion é baseada em uma lógica schumpeteriana onde a inovação e a destruição criativa são os motores do progresso econômico, os quais correm o risco de não atuarem mais fortemente devido à rigidezes que devem ser removidas. Aghion é um fervoroso promotor de "reformas estruturais"; foi por isso que ele assinou, em 12 de abril, um apelo de economistas a favor do projeto de Emmanuel Macron. Eis o que está dito nesse documento: *"sem flexibilidade na organização do trabalho, as empresas não poderão usar as inovações tecnológicas para aproveitar novas oportunidades de crescimento"*.

Aghion, como se pode ver, é um fervoroso promotor de "reformas estruturais"

A maneira como o jornalista de *Les Echos* apresenta esse resultado espetacular (para fazer um *furo*) é apenas um elo de uma cadeia de produção que começa com estudos acadêmicos e termina com apelos a favor das famosas reformas. O desejo dos economistas de "fazer ciência" é, portanto, articulado com a necessidade de legitimação de políticas. Os primeiros invocam a objetividade científica e rejeitam qualquer julgamento de viés ideológico, que permite aos políticos se apresentarem como simples executores das verdades produzidas por essa ciência.

É por isso que devemos levar as críticas à fonte. Primeiro, porque o estudo de Aghion *et al.* contrasta com outros feitos nesse mesmo campo. Por exemplo, pode-se citar o de [três economistas do Federal Reserve Bank de São Francisco](#).

Contudo, a principal crítica consiste em mostrar que o estudo de Aghion apresenta problemas metodológicos muito sérios. Ele construiu um modelo matemático ultra abstrato, cujas equações requerem uma "calibração" empírica muito delicada. Em outras palavras, ele é dependente de avaliações numéricas duvidosas. A crítica aqui apresentada é vem de [uma contribuição mais detalhada](#), que se encontra no site A l'encontre. Aqui são apresentado apenas os pontos salientes dessa crítica aqui resumidos.

Um ajuste metodológico

O ponto de partida é uma função de produção que descreve como o produto geral é obtido a partir de "*insumos intermediários*", bens intermediários, cada um dos quais tem uma "qualidade" específica. Essa qualidade varia de acordo com as inovações: empresas e entrantes constrangidos pelo progresso tecnológico deixam o mercado. As taxas de inovação são constantes, mas cada inovação específica é tomada como se fosse aleatória.

Os autores enfatizam desde o início que essa função de produção pode ser interpretada como a utilidade de um "*consumidor representativo*". Ora, essa é uma hipótese indefensável: os consumidores não consomem bens intermediários! Mas veremos que isso é essencial.

Dois parâmetros desempenham um papel fundamental cujas estimativas são mais do que questionável.

O procedimento de estimativa baseia-se num princípio, que é perfeitamente admissível, segundo o qual uma empresa inovadora manterá, pelo menos, a sua quota de mercado. Se não for esse o caso, isso significa – uma vez que o mercado é competitivo – que o seu preço subiu mais rapidamente do que a média, o que é um sinal de atraso na inovação.

O crescimento ausente é então medido como a diferença entre a inflação observada e a inflação "verdadeira" que é deduzida da evolução da participação de mercado das empresas perenes (*continuação*), que é necessariamente menor, graças à consideração da inovação que permite oferecer produtos de melhor qualidade. Mas esse procedimento requer a identificação de dois parâmetros principais.

A primeira é a "elasticidade de substituição" entre os diferentes produtos. Se for alto, o crescimento ausente será baixo ou mesmo zero: se os processos inovadores substituírem os processos desatualizados de forma rápida e extensiva, o desenvolvimento do preço medido incorpora rapidamente a inovação. O segundo é o tempo necessário para observar as mudanças na participação de mercado das empresas inovadoras. Todo o exercício é baseado na calibração desses dois parâmetros. No entanto, os procedimentos adotados tem o caráter de ajustes.

Os resultados básicos são obtidos pela escolha de uma elasticidade com referência a [um estudo](#) que se concentra em um banco de dados de códigos de barras coletados nas redes de distribuição em massa. Aqui encontramos a assimilação absurda entre produção e utilidade de consumo introduzida desde o início. Esse processo "endogâmico", onde parâmetros – obtidos em diferentes contextos – circulam de um estudo para outro, é característico de toda essa literatura. Quanto ao prazo escolhido, é de cinco anos. Não porque seja resultado de algum estudo, mas porque corresponde à periodicidade da pesquisa utilizada, o *Censo de Manufaturas* (CMF)!

Resultados elásticos

No entanto, os resultados são muito sensíveis a essa dupla parametrização. Se o tempo necessário em anos para que o impacto da inovação na participação de mercado se concretize for reduzido a zero, o crescimento ausente é dividido por três (0,20% em vez de 0,56%) ao longo de todo o período e é quase zero (0,07%) entre 2006 e 2013.

Os resultados são muito sensíveis ao nível dos parâmetros, um sinal de grande fragilidade

A parametrização da elasticidade de substituição também leva a uma grande variabilidade dos resultados. Tudo o que você precisa fazer é mover o parâmetro ligeiramente para aumentar o crescimento ausente pela metade ou reduzi-lo a quase zero!

O elo mais fraco

Assim, no mundo desse “teoria ultrassofisticada”, noções evanescentes como a probabilidade e a taxa de aparecimento de inovações podem ser introduzidas: tudo o que você precisa são letras gregas. E para lidar com a enorme questão da "qualidade" dos bens, basta multiplicar a quantidade desse bem por sua qualidade. Não haveria nada de repreensível nessa formalização se ela levasse a uma forma que pudesse ser comparada com dados empíricos.

O elo fraco dessa cadeia de produção intelectual reside justamente nessa "cambalhota" que passa do modelo “ultra sofisticado” para sua identificação empírica. Como geralmente não há solução de continuidade, é necessário recorrer a artifícios ou supostas *proxies* que tenham apenas uma relação distante com o modelo teórico inicial. É o que acontece com este estudo de Philippe Aghion *et al.* : um belo modelo teórico, mas um verdadeiro remendo quando se trata de passar para estimativas empíricas.

Essas aproximações e absurdos metodológicos raramente são denunciados. Os heterodoxos não são páreo para os grandes batalhões ortodoxos, seus lugares

de expressão são marginalizados e estigmatizados pelos defensores da ordem acadêmica. Certamente há uma forte competição entre economistas, periódicos e centros de pesquisa, mas ela é realizada dentro dos limites de uma convivência fundamental que consiste em nunca questionar as reivindicações de cientificidade. As controvérsias podem se concentrar na qualidade dos testes econométricos, mas quase nunca na adequação dos modelos utilizados à realidade. Essa "conspiração dos burros eruditos" delimita os limites herméticos da "ciência econômica" na qual somos solicitados a acreditar.